



MB
M.BIGUCCI
CONSTRUTORA ISO 9001





Projeto Big Riso de Responsabilidade Social

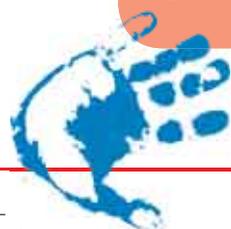
ÍNDICE

	O Projeto	2
	Dados da Empresa	2
	Projeto Big Riso	3
	Foco de Atuação	3
	O Início	5
	A Proposta do Grupo	7
	Os Resultados	8



**M.Bigucci Comércio e
Empreendimentos Imobiliários Ltda**

Avenida Senador Vergueiro, 3575 - São Bernardo do Campo - SP
CEP - 09601-000 - Tel.: 4367-8600 - Fax: 4367-8624
e-mail: mbigucci@mbigucci.com.br - site: www.mbigucci.com.br





Projeto Big Riso de Responsabilidade Social

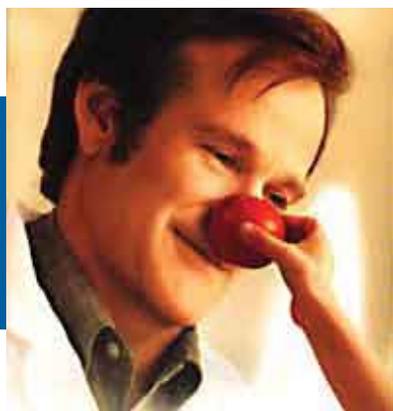
O Projeto Big Riso de Responsabilidade Social refere-se a um trabalho voluntário desenvolvido por colaboradores da M.Bigucci Comércio e Empreendimentos Imobiliários Ltda.

O trabalho foi colocado em prática no dia oito de novembro de 2004 na Ala de Oncologia Infantil no Hospital do Centro Universitário Fundação Santo André, localizado à Avenida Príncipe de Gales, 821 em Santo André-SP. Consiste em levar alegria às crianças portadoras de câncer que freqüentam o local para tratamento quimioterápico. Para isso os colaboradores da empresa que fazem parte do grupo se transformam em palhaços nas segundas-feiras pela manhã e se destinam a este centro de tratamento para distrair as crianças enquanto recebem a medicação.

O projeto idealizado por Roberta Bigucci (diretora da M.Bigucci) teve inspiração no filme "Patch Adams – o Amor é Contagioso", lançado nos Estados Unidos em 1998 em que Patch Adams (interpretado por Robin Willians) se mostra pioneiro na idéia de que os médicos devem tratar as pessoas e não apenas as doenças. Patch tem quase trinta anos de experiência e acha que é possível ajudar a manter a saúde através da alegria, do riso e da gentileza.

Segundo ele, muitas vezes o tratamento mais eficaz é a esperança, o amor, o relaxamento e a simples alegria de viver. Ajudar os enfermos significa oferecer-lhes amor, compaixão e amizade.

Roberta que já desenvolvia trabalhos neste sentido desde sua adolescência sentia necessidade de estimular os colaboradores de sua empresa a ajudar o próximo de uma forma sadia e voluntária. Foi então que a partir da inspiração, iniciou-se uma busca incansável por hospitais, casas de apoio, entidades de ajuda a pessoas carentes que se interessasse por este tipo de trabalho. A espera durou 18 meses até que o projeto fosse implantado no Hospital do Centro Universitário Fundação Santo André.



O ator Robin Willians em cena do Filme "Patch Adams – o Amor é Contagioso" - 1998



Dr. Patch Adams – O inspirador do filme - Workshop dado em 2003

Foco de Atuação

Clínicas de Oncologia e Hospitais da região do ABC Paulista com foco em Pediatria.





Cecília, Mônica e Roberta no primeiro treinamento como palhaços

Todos os participantes que ingressam no time "Big Riso" devem passar necessariamente por um treinamento que engloba desde a abordagem das crianças até o que pode ou não ser feito dentro do ambiente destinado ao tratamento. As precursoras da implantação do projeto: Roberta Bigucci, Maria Cecília de Sousa de Freitas e Mônica Elaine Binda fizeram seu primeiro Workshop prático em outubro de 2004 em uma entidade espírita localizada na cidade de São Caetano do Sul, que auxilia na educação de jovens carentes. Vestidas de palhaço, elas conseguiram transformar literalmente as pessoas que lá estavam presentes.

O trabalho que começava naquele momento a ser plantado definitivamente, exigia que o futuro grupo se preparasse através da busca por conhecimento neste ramo. Inúmeras foram as reuniões, busca por palestras, busca por treinamentos em grupos que desenvolvem o mesmo tipo de trabalho, até que o grupo Big Riso realmente iniciasse seus primeiros dias de ação dentro do hospital. Foram trabalhos como: workshop com a turma de palhaços da Faculdade FEFISA de Santo André, que fazem o mesmo tipo de trabalho, só que voltado para todos os tipos de pacientes em hospitais públicos da região do Grande ABC paulista, palestras com o médico diretor da Ala de Oncologia do Hospital do Câncer em que hoje o grupo atua, Dr. Jairo Cartum, dinâmica de grupo com psicólogos, dentre inúmeros outros. O cuidado e a importância deste processo para os voluntários é uma ação preventiva para que os mesmos consigam se deparar e neutralizar qualquer sentimento de dor, diante de tão dramática situação das crianças e seus familiares que lá se encontram.

Após os treinamentos oferecidos por profissionais qualificados, os "novos palhaços" passam a estar aptos a desempenhar suas funções dentro do hospital. Segundo o diretor da Oncologia Infantil do hospital, Dr. Jairo Cartum, "o trabalho destes palhaços vai muito além das brincadeiras que desenvolvem no hospital. Além de estimular o riso, buscam, através de brincadeiras interativas, tirar a criança daquele ambiente pesado de tratamento." Acredita que o estímulo à parte lúdica especialmente desenvolvido em crianças, que fora perdido dentro do processo de descoberta da doença, pode ser resgatado através destes momentos de descontração, o que ajudaria, como acredita, no processo de cura.

Hoje os palhaços do Grupo Big Riso, que atuam na Ala de Oncologia Infantil no Hospital do Centro Universitário Fundação Santo André, levam alegria e tranquilidade a todas as crianças e adolescentes que lá estão para fazer o tratamento. Eles possuem importância significativa no trabalho desempenhado por todos os profissionais que lá atuam, que vai desde toda equipe médica, passando pelos psicólogos, assistentes sociais, enfermeiros até voluntários.



Aulas de Brincadeiras



Aprendendo com os palhaços do curso municipal de circo.



Curso: Técnicas de contar histórias



Dr. Jairo Cartum – ensinando sobre as doenças e como abordar as crianças...



Dinâmica de Grupo com a Psicóloga de São Bernardo - Vânia Mei

O Início

Tudo começou em 15/08/1986, quando uma professora de Física me perguntou se eu conhecia alguém para “animar” a festa do filho dela. E eu na maior “cara de pau”, disse que sim... “Eu fazia aquilo”. Mentira, nunca havia feito um trabalho de animação em toda minha vida, como por exemplo, me vestir de palhaço. No máximo eu era monitora de um acampamento infantil.

Fizemos a tal festa no dia 23/08, eu e uma amiga, e outra no dia 24, mas essa foi para a minha família. Nesta estávamos eu, essa amiga e meu irmão Júnior.

O Pessoal adorou e elogiou bastante. A partir daí fiquei motivada a trabalhar com isso.

Resolvi colocar meu primeiro anúncio no jornal: “Turma do Pirulito”. E assim fiz...

Fizemos algumas festas de aniversário, até que um dia uma pessoa me telefonou, o Elias, e me perguntou se eu não queria fazer festas em empresas. Aceitamos na hora, mas não parei por aí. Disse para ele que eu tinha uma equipe com vários palhaços e que quantos ele precisasse, eu arrumaria. Tudo não passava de outra mentira inofensiva. A minha equipe era apenas eu, minha amiga e meu irmão.

Só que ele acreditou, e aí começaram as dezenas de festas em empresas. “Roberta, preciso de 20 palhaços para depois de amanhã”. E eu saía em busca do pessoal. Olhava para a cara dos meus amigos e dizia: “Você tem uma cara de palhaço! Não quer trabalhar comigo?”.

Durante esse período, eu soube de uma festa para crianças carentes no bairro do Ipiranga, que acontecia no mês de outubro. Pedi para participar, obviamente, sem qualquer remuneração. E assim foi...

De lá para cá, já se passaram 17 anos. As festas “profissionais” ficaram para trás, mas nunca mais deixamos de fazer as festas no Clube Atlético Ypiranga. Sempre que possível, levávamos palhaços, balões pula-pula ou recreadores. Mas eu achava que uma vez por ano era muito pouco, e eu queria trabalhar mais com crianças carentes.

Assistindo Patch Adams, filme em que o personagem principal interpretado por Robin Williams se infiltra em um hospital para alegrar as crianças internadas com suas palhaçadas, eu me perguntei: “por que não?”.

Em julho de 2002, fizemos uma apresentação deste filme na M.Bigucci, empresa em que eu já trabalhava, e logo após perguntamos se alguém tinha interesse em fazer esse tipo de trabalho na empresa. Muitos se empolgaram e então começou a minha busca de informações. Primeiro fui atrás de uma equipe já tradicional na área, mas eles não aceitavam voluntários, pois é necessário um curso. Depois descobri uma pessoa que



A festa na casa da professora em agosto de 1986



Matéria publicada no Diário do Grande ABC sobre a Turma Pirulito em dezembro de 1986



Festa de natal realizada no Lar Escola Pequeno Leão em dezembro de 1986





trabalha com isso em Curitiba, o Dr. Berlim. Encontrei-me com ele numa convenção em São Paulo, e ele se propôs a ajudar, mas tínhamos que ir para Curitiba para ver seu trabalho. Fui duas vezes para lá, mas não conseguimos nos encontrar.

Então decidi, fazer sem experiência. Fui em busca de hospitais para trabalhar. Todos recusavam o nosso trabalho, ou porque já tinham, ou porque a direção não autorizava.

Falamos até com uma corretora de seguro saúde, que também se propôs a ajudar, mas mesmo assim, não conseguimos nada. Só não desisti, porque eu sempre achei que podia fazer algo.

Quase um ano e meio depois, por coisa de Deus, meu pai pediu para que eu entregasse a renda da venda do livro dele "Somos Todos Responsáveis", sobre responsabilidade social, para Dna. Clotilde Dib. Nunca entendi, porque ele me deu aquela tarefa, uma vez que normalmente seria a secretária dele que o faria. Mas como eu disse, só pode ter sido coisa de Deus.

Liguei para ela para saber onde levar o cheque, e também não sei porque, perguntei, que tipo de entidade ela presidia. A resposta: Crianças com Câncer.

No ato, eu perguntei se eu não podia levar a nossa equipe de palhaços para alegrar essas crianças. Ela concordou de imediato. Logo em seguida, fomos até o hospital para conhecer, e na outra semana fomos ver a festa de Natal das crianças.

Ainda assim, por vários empecilhos, que pareciam estar fazendo com que desistíssemos, só em outubro de 2004 é que nos reunimos para começar. Agendamos a 1ª visita para 08/11/2004 e após uma reunião, lá fomos nós. Eu (Pirulito), a Mônica Elaine (Borbola) e a Cecília (Chiquinha).

Foi muito bom, apesar de que nada do que programamos havia dado certo. Logo nessa primeira visita, uma enfermeira nos disse que uma criança que lá estava nunca havia sorrido, e a Mônica fez com que isso acontecesse.

Na mesma semana fizemos uma reunião para divulgar a todos os interessados o nosso trabalho e fomos na 25 de Março adquirir mais roupas e acessórios para a nossa equipe, que agora já não se chamava mais Turma do Pirulito, mas sim, BIG RISO em homenagem a nossa empresa M.Bigucci.

Temos a certeza de que o pontapé inicial foi dado e que a sementinha da ajuda ao próximo foi plantada. A recompensa certamente nos virá, através das alegrias e da certeza de que estamos tornando um pouco melhor a vida (ou uma fase dela) daqueles seres pequeninos, e que ao mesmo tempo são tão grandes para nos ensinar.



Roberta Bigucci
02/12/2004





A proposta do Grupo Big Riso

O trabalho descrito neste projeto social é de cunho voluntário, ou seja, o Grupo Big Riso atua de forma gratuita (não cobrando pelos trabalhos prestados), mantendo-se com recursos disponibilizados pela Construtora M. Bigucci para a compra dos acessórios necessários para os trabalhos dos palhaços (roupas, maquiagens, brinquedos de vários cunhos, locomoção, etc, etc). Nada é cobrado dos locais que o grupo atua, das equipes médicas, da enfermagem, dos pacientes ou de qualquer outra pessoa.

Os voluntários desenvolvem este tipo de trabalho por livre e espontânea vontade e são treinados para tal.

A M. Bigucci, além dos recursos, disponibiliza também o tempo destes funcionários (durante o expediente normal) para realizar as atividades nos hospitais, e acredita estar contribuindo de forma significativa para a melhora dos pacientes que se encontram internados para tratamento.



Os Resultados

Hoje o Grupo Big Riso é reconhecido pelas atividades que seus integrantes desempenham de forma atuante que contribui para a melhora na qualidade de vida. A prova disso é o reconhecimento do próprio Dr. Patch Adams, que em visita ao Brasil, recebeu integrantes do grupo em uma palestra dada em São Bernardo do Campo, e mais tarde em uma carta escrita de próprio punho, falou sobre a evolução do grupo verificada em um case que foi entregue a ele na ocasião.

Além dele, que foi o grande pioneiro neste tipo de trabalho que ainda hoje é difundido mundialmente, representantes da medicina brasileira acreditam em resultados concretos que comprovam a melhora de pacientes que se submetem à "risoterapia". Um representante deles que acredita em projetos como o Big Riso é o Dr. Jairo Cartum, diretor da Oncologia Infantil de um dos hospitais que o grupo atua. Dr. Jairo afirma que a estimulação da parte lúdica infantil aumenta a produção de endorfina, hormônio responsável por uma sensação agradável de prazer, fazendo com que a dor e o sofrimento sejam amenizados.

Em 2006 o Big Riso expandiu seu campo de atuação e abriu novas vagas para voluntários interessados no programa. Desde 31/05/2006 o grupo iniciou as atividades agora com mais palhaços no Hospital Mario Covas em Santo André-SP. Todos os integrantes procuram levar leveza e alegria a um maior número de pacientes. Acredita-se na grande ajuda que a "risoterapia", tem sobre a cura.

O Grupo Big Riso continuará trabalhando de forma séria na busca pela melhora da qualidade de vida dos seres humanos. A intenção é expandir a cada ano a solidariedade dentro de mais Hospitais e Casas de apoio do Grande ABC Paulista.



Carta enviada pelo Dr. Patch Adams para Roberta Bigucci em junho de 2005



Dr. Patch Adams em visita ao Hospital Municipal Universitário, em São Bernardo do Campo

Nossos agradecimentos a todos que participam deste projeto de responsabilidade social.